## FHC garante que correção de rota já foi feita

Para presidente, os efeitos da liberação do câmbio, ocorrida em janeiro, demoram a aparecer na economia

RASÍLIA – Um dia depois de anunciar o "Avança Brasil" conjunto de 360 programas em que pretende investir nos seus últimos anos de governo, o presidente Fernando Henrique Cardoso está convicto de que as mudanças necessárias na condução da política econômica já foram feitas em janeiro, com a liberação do câmbio. "Os efeitos demoram", afirmou. "Não é um milagre como pensam os empresários de São Paulo e os governadores do PSDB".

Descontraído, o presidente demonstrou estar revigorado após mais um ciclo de tensões políticas, encerrado na semana passada com a passagem da Marcha dos 100 Mil por Brasília. Otimista, Fernando Henrique aposta na continuidade das reformas estruturais e garante que sua base de sustentação no Congresso está agora sob controle. "Eles já levaram um susto suficiente", disse o presidente, durante conversa com o Estado ontem, no Palácio da Alvorada.

Entre goles de café e pão de queijo, Fernando Henrique Cardoso afirmou que seus aliados políticos tomaram consciência de que o insucesso do seu governo não interessa a ninguém, pois levaria ao enfraquecimento de todos os partidos da coligação. Com essa certeza, ele aposta na aprovação das medidas pendentes da regulamentação da reforma da Previdência – principalmente o projeto que muda o modelo de cálculo da aposentadoria, cujo teor divide a bancada governista – e no andamento da reforma tributária ainda este ano.

O presidente reafirmou que o governo não abrirá mão do ajuste fiscal e da manutenção da estabilidade da economia, apesar das pressões - cada vez mais fortes - por uma flexibilização do modelo econômico. "A estabilidade é pedra fundamental", enfatizou Fernando Henrique. Foi uma resposta aos adversários e também aos seus aliados, principalmente as lideranças do PSDB, que vêm cobrando com mais firmeza uma guinada.

A proposta dos governadores da região Nordeste, que estão se organizandos junto à União, não contará com apoio do presidente. Ele foi enfático ao afirmar que não vai rever os contratos assinados com os Estados. "Não pode", avisou. O presidente defendeu, entretanto, tratamento diferenciado - para a concessão do aval da União para captação de empréstimos externos - para as administrações que vêm executando programas de saneamento de suas finanças, citando como exemplo o governo da Bahia.

Companheiro de partido, o governador de São Paulo, Mário Covas, dente para seu pleito, em exame pelo melhor reforma para o País? Senado Federal, de captação de US\$ 100 milhões junto ao Banco Mundial

ao endividamento estadual.

oposição que, na sua opinião, contifundamentalista, anacrônica, à es-próximos de poder avançar nisso. pera da revolução". Ele descartou a reabertura do diálogo, alegando que "a oposição não quer". Ele demons- reforma ampla, que reestruture trou tranquilidade ao comentar o ca- também o ICMS? lendário de protestos previstos para este semestre. "Todo ano é a mesma Mas eu conversei ontem com o govercoisa", frisou. Fernando Henrique nador Covas (Mário). O Estado de considera que a Marcha dos 100 Mil São Paulo, com a mudança do ICMS, foi produto de arregimentação políti- cobrado na origem, para destino, é ca e não a expressão espontânea de um dos mais afetados. Ele disse: vaeventual insatisfação da sociedade. mos perder, precisamos ver como

sulte na redução do número de partiposto para a reforma tributária fundos políticos no País, o presidente cionar é que ela tem de ser neutra acredita que seu sucessor não poderá quanto a seus efeitos distributivos endispensar o apoio de uma aliança par- tre as esferas da União, Estados e mutidária ampla para governar. Essa é a nicípios. Ninguém pode ganhar, nem realidade da democracia brasileira, perder. Esse tem que ser o requisito esdesigualdades sociais. "A democra- não pode diminuir o nível de arrecacia não está consolidada", analisou.

Em uma crítica direta aos seus companheiros do PSDB, que várias vezes defenderam a exclusão de aliados da forma tributária ainda neste ano? base de apoio do governo, o presidente disse que ignorar a representativi- no vai mobilizar sua base de apoio padade de partidos - ele citou especifica- ra aprová-la. Eu acho que amaduremente o PFL como exemplo - seria ceu muito a questão da reforma. Vejo uma atitude autoritária e personalis- o Congresso mais aberto e tão importa, incompatível com o espírito demo- tante quanto a reforma tributária, crático. "O PFL é o demônio", afir- são algumas mudanças do Código mou, comentando as restrições ao Tributário e a mudança na legislação seu mais fiel aliado. "Mas não fui eu para garantir a quebra do sigilo banquem elegeu o PFL, foi o povo", acres- cário para fins fiscais porque o sigilo centou, justificando que respeitar o dificulta, por exemplo, se chegar a xando o compulsório, está sobrando al-



FernandoHenriqueCardoso que um dia depois de rograma "Avança Brasil", disse estar convicto de que as necessárias na condução da política econômica iá foram feitas em ianeiro: "A oposição é iundamentalistaporque acha que todo o bem da humanidade está

O presidente

partido é respeitar os seus eleitores. Ele repetiu que apoiará o candidato do PSDB à sucessão em 2002, embora não saiba quem será o escolhido e considere prematura essa discussão. A seguir, a entrevista que o presidente concedeu às jornalistas Silvia Faria, Doca de Oliveira, Tânia Monteiro, Diana Fernandes e Isabel Braga:

Estado - Para viabilizar o desenvolvimento, o País ainda tem desafios estruturais. Qual a estratégia para consolidar a estabilização e reduzir o custo Brasil? Fernando Henrique Cardoso

Eu sou favorável à reforma tributária, acho que precisa mexer, racionalizar, tirar imposto em cascata, mas não pode usar isso como pretexto pado para pedir uma revisão nos acor- ra dizer 'se não fizer isso não acontedos de rolagem das dívidas dos Esta- ce nada'. Se fizer, acontece melhor. A reforma é importante, para que acon teca melhor. Mas durante séculos o sistema tributário brasileiro foi essa coisa horrível, era mais distorcido do que é hoje ainda, e o Brasil cresceu. Quero insistir, não estou defendendo não fazer reforma tributária, mas acho que não se pode usar isso como pretexto para dizer 'ah, então não'. Hoje os empresários têm obcessão e quando você pergunta 'qual é a reforma?', o empresário só (diz) 'não'.

Estado – O senhor quer saber também conta com o apoio do presiqual é a reforma possível ou qual a que – Em princípio

Fernando Henrique – A boa refor- tributarista. Mas tem ma é a que simplifica o sistema tribu- um problema: qual é o (Bird), apesar do parecer técnico con- tário, desonera a produção e acaba objetivo do imposto mítrário do Banco Central. "O Covas com o imposto em cascata. Agora, ou- nimo? Evitar que as pestem razão", afirmou Fernando Henritras questões mais complicadas dissoas escapem de pagir que. Segundo ele, o pedido foi apre- zem respeito a Estados, municípios e o imposto e isso está cersentado antes do refinanciamento divisão do bolo, são questões muito to. O objetivo é cobrar das dívidas estaduais, quando o Sena- mais complicadas. Não sou ingênuo de todos, mas tem um do aplicava uma regra mais flexível de imaginar que se possa fazer só a problema: e se a empreprimeira parte. É ilusório pensar que sa não tiver lucro mes-O presidente foi implacável com a o Congresso vai aprovar um texto mo, estiver à beira ca que a gente ponha no papel tudo que concordata ou da falênnua apostando "no quanto pior, me- é bom, que eles aprovam. Não vai ser cia. Então tem de se amlhor". Para ele, a falta de propostas assim. Vai ser uma penosa negocia- lisar como se resolve esobjetivas para o País mantém a es- ção de pontos de vista e de interesse, sa questão. Toda meciquerda brasileira em uma posição mas acho que nunca estivemos tão da assim geral, taxai-

Estado - É factível realizar uma Fernando Henrique - É difícil.

viabilizam o PPA? Mesmo que a reforma política re- compensa. E ele tem razão. O pressuem sua opinião, diante das enormes sencial: o efeito é neutro. Portanto pela estabilidade é aluta para que o Oque não é certo é você, por causa dos ra Unger falando dessa coisa. Não sei dação e nem a distribuição do bolo. trário pela oposição, nas é isso, esta-

Estado – É possível aprovar a re-Fernando Henrique – E. O gover-

var. Uma outra questão, que o Aloysio (Aloysio Nunes Ferreira, ministrochefe da Secretaria-Geral da Presidência) propôs, para a reforma do Judiciário, é relativa à concessão de liminares pela Justiça. Atualmente, 30% da dívida ativa está paralisada por liminares. O juiz dá a liminar e não decide o mérito e aí paralisa tudo.

Estado - Mas não é preciso aprovar a reforma do Judiciário para

Fernando Henrique - O dispositivo está na reforma, mas não precisa fazer toda a reforma. Pode fazer só essa modificação. Agora eu não posso fazer isso por Medida Provisória. Trata-se de uma lei complementar.

Estado-Como o senhor classifica formas da Previdência e tributária?

Fernando Henrique - Para o governo a Previdenciária. Mas são questões diferentes. A Previdenciária é lei ordinária. A outra é constitucional, então são coisas diferentes.

Estado - O senhor apóia a proposta de criação do imposto mínimo (sobre o faturamento)? Fernando Henri-

acho boa, mas não sou va. corre o perigo de provocar situações irreversíveis, de dano.

taxas de juros não in-

Estado – As atuais

que não estão nele, que são macroeconômicas, como a coninuidade da estabilidade. Você pote fazer o plano sem estabilidade, mas o povo paga mais. Nós crescemos com inflação, só que a população empbrece. Pode ser que os empresários não, o governo não, mas o povo paga. Então a luta povo não pague o cuso maior do cresmaus pagadores, penalizar os bons. cimento. Isso é apreentado ao con-

as costas da população. no precisar financiar esse déficit dade de capacidade de pagamento de Eles fizeram críticas o tempo todo. Eu monstruoso, não ten jeito de redu-

acumulação de recursos recaia sobre

zir os juros... Fernando Henrique – Tem jeito sim. A margem de recursos disponíveis é maior do que essa. Nós estamos baixando o compulsório. Se está bai-

operações como as de lavagem de digum dinheiro. Esse dinheiro já podia nheiro. Existem propostas de altera- sair com uma taxa de juros mais ração que estão no Congresso. É só apro- zoável. Acho que existe aí uma acu-

mulação financeira excessiva. Estado - Tanto que o lucro do semestre foi imenso... Fernando Henrique - Taí, é isso.

Mas como a economia não é planejada, não é socialista, digamos, não é o governo quem impõe o juros. Não pode. Tem que haver uma luta interclasses. Os consumidores fizeram isso com a inflação. Não aceitaram a passagem de preços. Os supermercados fizeram isso com os produtos, não vieram pedir ao governo para o governo tabelar. Entenderam a nova dinâmica. Na questão financeira tem de haver a mesma coisa e vai haver.

parte mais fraca e não tem como se

Fernando Henrique - O interessaa prioridade do governo, entre as redo não é só o consumidor no sentido final, é o empresário intermediário. que vai precisar vender geladeira, não sei que lá. Se o consumidor não compra, ele não vende. Então o empresário tem que reagir.

> Estado - Alguns governadores estir a renegociação do refinanciamento de suas dívidas...

sil as pessoas estão querendo refinanciar. Nós iá refinanciamos em condições extremamente favoráveis aos Estados. Então, não pode. Eles querem é outra coisa. O que eles querem é não pagar a dívida. O que eles querem é fazer novas dívidas.

ÃOÉO GOVERNO QUE IMPÕE OS JUROS'

ajuste impede. Fernando Henri-

o Senado aprovar, de qualquer manei-Fernando Henricue – Qualquer ra, o governo não é obrigado a seguir. programa como esse(PPA), que im- Você toma empréstimo de quem? Voplica planejamento de curto e médio cê toma empréstimo do BID, do Banprazo, pressupõe certas variáveis, co Mundial. Com o aval de quem? É só a União não dar o aval.

obrigações fiscais?

Estado - Mas o Estado de São bilidade é para evita que o peso da Paulo está certo ao brigar por novos empréstimos? Fernando Henrique – Está. E São

Paulo tem razão. Porque não só entrou eleições? Estado - Mas enquanto o gover- desde 95 com o ajuste, como a dificul-São Paulo deriva do fato de o governo não estava esperando nada não. Mais Federal não ter cumprido certos requiperto das eleições municipais, aí defisitos da negociação, como, por exem- ne. Mas isso afeta a quem? A mim? Eu plo, a venda do Banespa. Então São sou o presidente, não sou candidato a Paulo tem razão: ele não pôde pagar nada. Afeta a quem tomar o erro polítiporque nós não vendemos. Não é cul- co de fazer isso. Problema não é meu. pa de São Paulo e o bem está conosco. problema é deles, é um erro político.

Estado - E o problema da dívida externa?

Fernando Henrique – A dívida externa maior é das empresas, as empresas devem mais ou menos R\$ 200 bilhões, ou seja, US\$ 120 bilhões de dólares. Mas, assim mesmo, é pouco, porque esse negócio de números você

Estado - Então, é falsa a premissa de que o déficit externo é fator inibidor do crescimento? Fernando Henrique - É claro que

falsa. Você podia dizer isso antes. Com a taxa de câmbio anterior, era verdadeiro. Voce tinha que ter capital flutuante para poder ter reservas e abastecer o mercado, entregando o dólar pelo valor fixado. Agora, não. Estado - Só que o consumidor é a Não é falso no outro sentido, da balança comercial. Quando a economia cresce, crescem também as importações. Aí é outra coisa. Porque você sai se endividar sem ter como pagar.

> Estado - Então, o problema é exportar para importar?

Fernando Henrique - Convém aumentar o superávit da balança comercial, que aí desafoga para poder importar. Porque, se acelera o crescimento, tão propondo uma união para discu- acelera a importação. Então, precisamos ter como pagar. Daí ser importante ter um superávit da balança comer-Fernando Henri- cial. Vai haver. E por que eu digo que que – Isso é eterno. Em vai haver? Porque teve um aumento toda a história do Bra-quantitativo das exportações. Não tem é preço. Têm três fatores que são muito ruins para nós. Um, caiu o preco das commodities, dois, subiu o preco do petróleo, três, a crise na América Latina diminuiu a demanda por produtos manufaturados brasileiros.

> Estado - O senhor acredita que essa situação vai se reverter daqui prá frente?

Fernando Henrique - O sistema capitalista é sanfona. Aperta e expande. Estado - Mas isso o Isso não acabou, no mundo é assim. Os que têm visão catastrófica da história imaginam que quando aperta aí vem a que - Não pode gastar grande crise e muda o sistema. Antigamais. Por isso, podem mente esta suposição estava baseada até fazer mobilização na existência de um outro sistema. Cono Senado, mas eu sou mo hoje não há outro, é difícil, não tem contra. Acho que nesse alternativa a ser feita. Para o ano que momento não tem co- vem as perspectivas são melhores. mo fazer isso. Agora, se

> Estado - O mercado ontem ficou agitado com a projeção dos juros médios para o ano 2000.

Fernando Henrique - Por quê? Achou muito? É projeção e na média. O mercado é infantil? (risos) Ou aproveita quando quer? Eles sabem que Estado - O Banco Central não es- não é assim. Então é 13,5% a média tá estudando formas de premiar os projetada e a inflação é de 6%, então is-Estados que estão cumprindo suas so vai dar de taxa de juros real, projetabrigações fiscais? da e imaginada de 7,5%. Logo não tem Fernando Henrique – Aí estou de esse problema da insolubilidade da díacordo. Talvez seja o que a Bahia quer. vida interna. Outro vi eu o Mangabeise ele fala pelo novo partido dele. Está propondo o que o Collor fez. A proposta é a mesma, dar o calote.

> Estado – O senhor esperava críticas dos aliados só mais perto das Fernando Henrique - Não, não.

sobre a condução da política econômica

sobre sua relação com os partidos aliados

"Agora, acomodou porque viu que esse caminho leva à fragmentação, que não interessa a nenhum partido, estava se refletindo na economia e quem "O demônio é o PFL" ia lucrar era a oposição "

11 Mas ele tem a maioria na Câmara e

sobre a situação dos países da América Latina

"Quanto mais depressa a Argentina

sair do sufoco melhor, a solidariedade

tem de ser total;

11 A aliança já levou

um susto suficiente, de ver que tem de

haver união"

66 A estabilidade é pedra fundamental"

"A oposição é fundamentalista porque acha que todo o bem da humanidade está nela " sobre os partidos de esquerda

sobre o questionamento da composição da aliança política que o sustenta

não fui quem votou no PFL, eu votei no PSDB, mas o povo votou no PFL!

"Todo ano é a mesma coisa: marchas, protestos " sobre o calendário de manifestações organizadas pela oposição

11 Porque eles estão pensando que a sociedade vai ferver, e vem a revolução. o golpe; mas não vem "

44 A oposição sempre fez os maiores comícios e perdeu a eleição ", sobre o poder de mobilização dos partidos de esquerda "Nunca estivemos tão próximos da reforma tributária "

sobre a tramitação da emenda no Congresso

ter estabilidade, não vou fazer isto" sobre a flexibilização do ajuste

"Não vou entrar para linha de não

11 Não vou fazer com que a inflação volte, não vou fazer desequilíbrio orçamentário, não vou fazer isso porque tenho amor ao povo "

> "Temos condições de crescer, mantida a estabilidade" sobre a cobrança por desenvolvimento

66 Quantas outras vezes recomeçarei

sobre a suposta virada em seu governo com o anúncio do "Avança Brasil", na terca-feira Fotos: Ed Ferreira/AE-31/8/99







O presidente, em cenas do discurso do lançamento do Plano Plurianual de Investimentos, na terça-feira: "Não é um milagre como pensam os empresários de São Paulo e os governadores do PSI

Estado - Mas e a aliança? Fernando Henrique – A aliança não vai fazer isso. A aliança já levou susto suficiente. Levou o susto suficiente de ver que tem que haver união. Agora acomodou porque viu que esse caminho leva à fragmentação que não inteera a oposição.

problemas sérios. O Chile e a Argentina, com problemas econômicos, a Venezuela e a Colômbia, com problemas políticos. O Brasil vai conseguir se diferenciar?

Fernando Henrique - Acho que isso são consegüências das crises mundiais. Não é por acaso que essas coisas acontecem em todos esses países. Todos eles estão sofrendo o mesmo processo, de diminuição de suas capacida- nem sustentação da opinião pública des econômicas. Desde de dezembro americana para isso. Mas é um problede 94, até hoje, com uma pequena interma complicado a Colômbia. rupção em 96, nós estivemos todo tempo com problema. México em 94, crise agui, sobem os juros. 96 acalma, quando no segundo semestre de 97, crise da Ásia, segundo semestre de 98, crise da Rússia, 99 crise do Brasil. Nessas crises todas quem melhor se comportou foi o Brasil. Não teve os efeitos destrutivos sobre os outros países, mas no conjunto a economia encolheu, o Japão parado, a Europa parada, só os Estado da capacidade de transdos Unidos estão avancando. Isso teve porte aéreo, de presença efeito sobre todos os países dessa re- física e tudo está sendo gião. A Ásia teve antes efeitos mais dra-feito. O grosso da droga máticos ainda. Ainda bem que o munda Colômbia que vai pado é hoje bastante desigual nas chan-ra os Estados Unidos, ces de desenvolvimento. Não depende vai por via marítima. Sede decisões políticas. Depende de con- cundariamente por via dições que são objetivas, no caso do aérea, não vai por via ter-Chile, com a crise da Ásia, o fato de ser restre, pelo Brasil. Não um país basicamente concentrado na existe um fluxo de droexportação de commodities, sufocou. ga para os Estados Uni-Isso vai ser o fim do Chile? Claro que dos, via Brasil. O Brasil

não. O Chile é uma economia sadia, or- também não é produtor ganizada, quando houver melhora, droga. Não existe transvolta a ter chance de crescimento.

Estado – A Argentina se ressente da mudança do câmbio no Brasil... Fernando Henrique – A Argentina é um pouco diferente. A questão do câmbio brasileiro complicou o relacio- pediu a sua re-reeleinamento porque 30% das exportações da Argentina vão para o Brasil. Complicou para a Argentina e para nós. Quanto mais depressa a Argentina sair do sufoco, melhor. A solidariedade aqui tem que ser total.

Estado – Como será essa conversa com o presidente da Venezuela, Hugo Chávez? Até que ponto o governo brasileiro é um aliado natural da Venezuela?

cou no governo do presidente (Rafael) Caldeira e do presidente Itamar (Franmeu governo, com a questão da com-Estados Unidos, era um país caribe- não sei o que, governo neoliberal". nho, passou a olhar para nós.

Estado-Mas há quem critique esse relacionamento...

o presidente do Brasil tem que ser chetão com o retrovisor. Não há nenhum fe de Estado. Não tenho que me relacio- País da importância do Brasil que te- ses, de forma que formemos um bloco. isso e eles não têm coragem de dizer da a estabilidade.

se eu fosse apenas chefe de governo, de partido, ou da minha visão políticoideológica. É a quarta vez que ele vem aqui e ele tem uma posição muito favorável ao Brasil. Eu acho positivo isso. As pessoas aqui confundem. Outro dia ressa a nenhum partido. Estava se re- eu vi: "Ah, foram condecorar o Fujimofletindo na economia e quem ia lucrar ri". O Fujimori é presidente eleito do Peru e tem com relação ao Brasil uma relação muito positiva e por enquanto Estado - A América Latina vive ele está fazendo coisas dentro da cons-

> Estado - Os Estados Unidos estão chegando na Colômbia?

Fernando Henrique – Os Estados Unidos mandam sinais explícitos de que não é verdade. Você acha que os Estados Unidos iriam se meter na Colômbia? Não basta a experiência do Vietnã? O mundo mudou e não há Estado - Qual a posição concreta do governo brasileiro em relação à

Fernando Henrique – A posição do Brasil é sustentar o governo eleito, não ter ingerência, mas não vamos deixar que entrem na nossa fronteira. Isso sim implica em reforço militar brasilei-

ro. Depende do Sivan, ferência de unidade de produção de droga da Colômbia para o Brasil.

Estado-Ontem o governador de Tocantins ção. O senhor topa, já pensa nesse futuro po-

Fernando Henrique – Não, meu fu- tro. Só que o Brasil nunca foi bipartidáturo não é político. Já dei bastante e já rio. Só no Império e aí se criticava.

Estado – O senhor acha que há espaço para abrir diálogo com a oposicão no momento?

Fernando Henrique – O diálogo é sempre bem vindo, só que a oposição Fernando Henrique – Espero que permanentemente se recusa. Não seja boa. É a quarta vez que ele vem adianta. O Lula, primeiro, não veio paaqui. O aliado natural não é o governo ra uma conversa política, não foi asbrasileiro, é o Estado brasileiro. Houve sim. Depois eu vi o Lula dizendo que uma mudança importante da Vene- eu o tinha chamado uma segunda vez não tem na França. zuela com relação ao Brasil, que come- e ele recusou. Eu não o chamei. Da segunda vez, não partiu de mim. Chamaria, não tem nenhum problema. Agoco). Que foi um prestar mais atenção ra, todas as vezes que eu fiz alguma coiao outro e isso foi materializado em sa a mais, no discurso de posse, falei da oposição, inclusive ontem. E todas as pra de petróleo, estradas. A Venezuela vezes a resposta é aquela resposta irraque sempre olhou para o norte, para os cional. "Abaixo não sei o que lá, fora

> Estado - A oposição só critica e não tem proposta para dialogar? Fernando Henrique – Este frasea-

UJIMORI

TEM RELAÇÃO

POSITIVA

COM BRASIL

nar com outro chefe de Estado como nha uma oposição tão numerosa e tão Isso é muito importante porque faz voltada para trás. Porque os ideais que motivam essa coisa são ideais de outra Dias (ministro da Justiça) se colocou à disposição e qual foi a resposta? A oposição, a meu ver equivocadamente, imagina que vai ter um caminho aberto no futuro fazendo uma crítica do tipo destrutiva, não democrática, no sentido de que quer destruir e não respeitar a vontade do povo, porque ela é fundamentalista, porque ela acha que todo o bem da humanide está nela. E, portanto, tudo o que não está nela é perverso, é mau, por definição.

> Estado - Sua declaração de apoio a um candidato do PSDB em 2002 causou nervosismos na base...

Fernando Henrique – Eu sou de um partido e vou apoiar o candidato de meu partido. Aí perguntaram: pode ter aliança? Pode, se o meu partido resolver apoiar o outro eu vou apoiar o outro, é natural. Eu não vou apoiar o meu partido? Eu não sou membro de do PDT ou do que seja eu não vou toum partido? Agora, eu acho que o partido tem que fazer aliança. Mas o que mente do mesmo jeito, como outro goeu disse é que eu acho que é cedo, não sei quem é o candidato e acho que tem que discutir uma aliança. Então, pode eventualmente o meu partido apoiar outro partido, Os caminhos estão aber-

tos mas eu acho que é inútil discutir isso ago-

Estado - O seu sucessor terá que apoiar-

alianças partidárias? Fernando Henrique - Todo mundo que ja autoritariamente. Não dá certo. No tem que fazer. chegar ao governo vai mundo de hoje ninguém toma deciser por aliança. Vão ter sões autoritárias, em plena democradois turnos. Isso é de- cia. mocracia.

Estado - Mesmo com uma reforma polí-Fernando Henrique – Com quatro ou calendário das oposições? Eu tenho. cinco partidos, tem Todo ano é a mesma coisa, marcha. aliança. O nosso modelo aqui é bipartidário, estão pensando que a sociedade vai fer-

não vem. Você viu a população aderir ca. E então, você tem que ser um lado ou ou- à marcha dos cem mil? Eu vi a marcha pulação aderiu à marcha. Agora, não. Também na ditadura, mas nesse tempo não havia eleição. No Império se cri-Foi uma grande concentração de partiticava que eram falsos partidos e que o imperador escolhia um ou outro e era poder pessoal. Aqui, em uma federação, que tem fortes desigualdades soperdeu eleição. ciais, não vai ter nunca dois partidos. Vai ter muitos partidos e com muitos Estado - Mas isso não cria um clima de instabilidade? partidos, você vaiter de governar com aliança. Não dá para governar sem Fernando Henrique - Vêm aqui. aliança. Você tem isso na Inglaterra e

na mentalidade políti-

Estado – Isso significa que o próximo governo também terá que administrar permanentemente uma base de apoio político? Fernando Henrique – Isso é da na-

tureza da vida política. É da natureza da vida democrática. Se você não é de-

parte da descrença na democracia no Brasil essa idéia de que porque fez a época. Agora mesmo, o José Carlos aliança, chamuscou, de que fez uma negociação política, se chamuscou. A contrapartida disso é fundamentalismo ou então é unipessoal. Só que os outros que estão excluindo representam o povo, porque o povo elegeu.

> Estado - O PSDB volta e meia insiste em governar sem os demais alia-

Estado - A aliança é imprescindí-

numa democracia, como a brasilei-

cansa. Todo ano tem a dos excluídos.

positivamente. Fazer manifestação pa-

cendo. E o que disseram é que a estabilidade é um bem, vamos manter a estabilidade. Separaram o interesse do País e do povo do interesse do governo. O Blair (Tony, primeiro-ministro Fernando Henrique – Geralmente, aqui isso aparece de uma forma coinglês) fez isso e chegou lá. Aqui, famo se fosse um demônio. E geralmenzem o oposto. Eles querem dizer que te o demônio é o PFL, porque é aliado nós estamos levando o País para o buao PSDB, não é por outra razão. O raco e, portanto, tudo que vem do go-PFL não tem a maioria na Câmara? verno é ruim para o País. A nossa opo-Fui eu quem votou? Não fui eu que vosição é anacrônica. Ela está pensantei no PFL. Eu votei no PSDB. Mås o do na revolução. Eles não vão fazer povo votou no PFL e eu sou presidente nem estão se propondo a fazer, mas o do povo, eleito pelo povo e não pelo PSsubstrato mental é de uma época an-DB. E por isso não vou levar em consiterior em que se imaginava que a muderação? Não tem governadores de oudança tinha que ser por revolução. tros partidos? Um governador do PT. Como isso não ocorre, fica um diálomar em consideração? Eu tomo exata-

que é isso. Vou repetir uma frase de

Marx: "a História, quando se repete, é

como farsa". Agora, é fazer de conta

Estado - A oposição no Brasil di-

Fernando Henrique - Vejam a Ar-

gentina. Eles (oposição) estão cres-

que estão fazendo uma revolução.

fere dos demais países?

Estado - E há alguma proposta vernador. E sou criticado por isso, pepara combater os efeitos da seca?

Fernando Henrique - Seca me preocupa muito. Eu disse ontem, nós gastamos R\$ 1,5 bilhão no ano passavel para preservar a governabilidade do. E foi a seca melhor administrada que já houve no Brasil, no ano passado e custou caro. E reclamaram mui-Fernando Henrique – A luta pela to: o governo federal não faz nada... democracia no Brasil continua existin- Este ano mandei verba suplementa do. Ela é ideológica e não está ganha para isso (R\$ 110 milhões). Mas os Esporque a opinião média não é democrá- tados não pagam o que têm de pagar, tica, neste sentido. Quando cobram de só o governo federal. No fundo, é um mim "não toma decisão"... Não, não to- programa de renda mínima, mais mo autoritariamente e querem que se- um programa de renda mínima, que

> Estado - Não é necessário dar uma solução definitiva para o pro-

Fernando Henrique - Mas, o que Estado – Qual a expectativa do governo diante dos próximos atos de é uma solução definitiva? O número protestos programados pela oposide açudes é impressionante. Se você sobrevoar o Nordeste, é açude que Fernando Henrique - Você já viu o não acaba mais.

Mas não adianta só o acude. Você tem de ter os canos que levem a água protesto, não sei o que lá. Por que eles até às cidades, as adutoras. Nós estamos fazendo e aumentamos em 40% ver e vem a revolução, o golpe. Mas a capacidade de armazenamento e distribuição no Nordeste. Mas não choveu. Não adianta. Foi o que eu disdo MST e vi a população aderir, em 97. se: é Deus, não é o governo. Eu não Com popularidade alta e tudo e a po- posso fazer chover. Nós fizemos a nossa parte, mas não choveu. Então, se tem um problema, é preciso que se todários, que mostra a organização da me consciência dessas coisas. Nós auoposição. Isso ela tem. A oposição sem- mentamos a capacidade dos reservapre fez os maiores comícios e sempre tórios, mas não choveu. Estamos agora analisando a transposição do rio São Francisco.

Estado - O plano de investimentos é a resposta do governo aos que vão embora e acontece o quê? Deixapedem mudanças na condução da ram alguma proposta? Pediram algueconomia? ma coisa específica? Não. Então, isso

Fernando Henrique – A política já mudou em janeiro. O que tinha de Mas o pressuposto não é democrático ser feito já foi feito. Agora os efeitos porque não dizem se vão se mobilizar do que foi feito demoram. Todo munjunto ao Congresso, junto ao presiden- do pensa que é como um milagre, os te, propondo tal coisa. O MST fez isso, empresários de São Paulo, os governadores do PSDB. Não vou entrar mocrata, é fundamentalista, aí, tudo ra aumentar a reforma agrária. Outra pra linha de não ter estabilidade. bem. Você mata seu inimigo. Ou mata coisa é a greve geral. De novo, volta- Não vou fazer isso. Não vou fazer defisicamente ou não dá chance nenhu- mos ao passado. O sonho de todo revo- sequilíbrio orçamentário, não vou fama para ele. Se você é democrata, você lucionário era a greve geral e depois, a zer com que a inflação volte e não vou tem que ver qual é o seu interesse, qual revolução. E agora, de novo estão com fazer porque eu tenho amor ao povo éo meu interesse e qual é o interesse pú- a mesma idéia fundamentalista de do Brasil. A estabilidade é pedra fun-Fernando Henrique - Eu acho que do é completamente anacrônico. Es- blico e como é que concilio o interesse imaginar que estamos às portas do as- damental. Nós podemos crescer, hopúblico com a diversidade de interes- salto ao Palácio de São Petesburgo. Eé je temos condição de crescer, manti-